

POSICIONAMENTO DA INDÚSTRIA DE ENERGIA EÓLICA

URGÊNCIA E RETOMADA SUSTENTÁVEL

Apresentamos este posicionamento com um profundo senso de responsabilidade e urgência para abordar o futuro da indústria de energia eólica no Brasil. É sabido que o setor de renováveis, com destaque para a energia eólica, é o pilar fundamental de nossa matriz futura, é a chave para o futuro climático e da economia global. No entanto, o futuro requer cuidados específicos para este setor sobreviver.

1. BRASIL NA VANGUARDA GLOBAL E O COMPROMISSO COM A COP 30

Com a proximidade da COP 30, o mundo nos observa. Este é o momento de demonstrarmos, com ações concretas, que o Brasil é uma liderança climática global coerente. Essa liderança não é um discurso, mas sim uma prática construída a partir de previsibilidade regulatória e da criação de condições para a expansão contínua da descarbonização da economia, o que significa um forte investimento em energias renováveis, elemento essencial para acelerar a transição energética e o alcance das metas globais.

Reconhecemos o esforço conjunto do poder público e das instituições que, nos últimos 15 anos trouxeram credibilidade ao país, estimularam os investimentos e consolidaram o Brasil como referência mundial em energia limpa, ao transformar e diversificar a sua matriz vocacionalmente renovável a partir das hidrelétricas e transformando a realidade socioeconômica de diversas regiões: gerando emprego, renda e desenvolvimento local, com os investimentos em energia eólica.

2. O ALERTA: A CRISE E O RISCO DO CURTAILMENT (A MACROCRISE e a MICROCRISE)

A indústria eólica brasileira é uma história de sucesso. Limpa, competitiva, nacionalizada, com mais de 35 GW instalados e segunda maior fonte de geração de energia elétrica no Brasil, que já investiu mais de US\$ 42 bilhões de dólares, é uma referência mundial em energia renovável. Contudo, esse avanço histórico está sob uma ameaça relevante. Desde 2022, estamos vivendo uma **retração severa nas contratações de novos projetos eólicos**, agravada nos anos de 2023 e 2024. Essa retração não é pontual. Ela é o reflexo de uma **macrocrise** que combina fatores econômicos e estruturais: baixo crescimento econômico, instabilidade política, recessões sucessivas, os efeitos prolongados da pandemia e uma escalada abrupta da taxa Selic, que de um ano para o outro, saltou de 10,5% para 15%, encarecendo o capital e travando investimentos.

Mas há um fator estrutural, antes silencioso, que agora exige atenção urgente: a **expansão descoordenada da micro e minigeração distribuída**. Embora represente avanços na democratização do acesso à energia, sua ascensão baseada em subsídios mal calibrados, sem contrapartida e gerência sistêmica tem gerado distorções profundas no setor elétrico brasileiro.

A GD desloca consumidores do mercado cativo, distorce a alocação de custos, compromete a previsibilidade de receita das distribuidoras e **ameaça diretamente a expansão da geração renovável centralizada**, especialmente a eólica, mas também, a solar centralizada.

O resultado é perceptível: **desestímulo ao investimento, reversão de uma indústria 80% nacionalizada e com empregos locais, demissões em massa no chão de fábrica e descomissionamento de diversas linhas produtivas**. Estamos diante de uma crise que não é apenas conjuntural. É uma crise sistêmica.

Somado a isso, enfrentamos uma **microcrise** dentro do próprio setor renovável, agravada também pela MMGD: os cortes de geração, ou em inglês, **curtailment**. Trata-se da redução ou corte forçado da geração de energia elétrica, mesmo quando a usina está tecnicamente apta a produzir, por razões externas à gestão do Operador Nacional do Sistema. No Brasil, isso ocorre principalmente por excesso de geração em relação à demanda, limitações na infraestrutura de transmissão e necessidade de manter a estabilidade do Sistema Interligado Nacional. No entanto, esses cortes são preocupantes e causam impactos severos:

- Comprometem a sustentabilidade econômico-financeira das empresas, com prejuízos bilionários;
- Prejuízos para as Eólicas de quase R\$6 bilhões, com 32 TWh cortados (outubro de 2021 até setembro de 2025). É como ter o equivalente a quase uma Belo Monte parada por um ano. Desestimulam a cadeia produtiva e a indústria nacional;
- Afastam investidores que buscam segurança e estabilidade, elevando o risco percebido em novos projetos;
- E mais recentemente, **ameaçam a própria operação do sistema elétrico brasileiro**, com risco real de apagões, dada a perda de controle por parte da operação interligada.

O Brasil possui um dos sistemas elétricos mais integrados e eficientes do mundo. Quando colocamos na perspectiva de modelos econômicos futuros, nos coloca em evidência como uma referência global na transição energética. O SIN é uma grande conquista para o país, permitindo aproveitar a matriz altamente renovável, especialmente em momentos de variabilidade climática ou sazonalidade. Mas **não podemos comprometer essa conquista sem os devidos ajustes de política, planejamento energético e aprimoramento da regulação**.

Neste caminho, este manifesto é um chamado urgente à ação. É imprescindível **revisar o marco legal e regulatório da indústria de energia do país**, para garantir equilíbrio entre os diversos agentes, proteger a previsibilidade do sistema e preservar a expansão das fontes renováveis estruturantes. A energia eólica é estratégica para o Brasil, para a descarbonização, para a segurança energética, e, para o desenvolvimento industrial, além de ser chave para a transição energética global. **Não podemos permitir que a falta de coordenação institucional comprometa décadas de avanço**.

3. A VISÃO DE RETOMADA: NOVAS FRONTEIRAS PARA 2030 E 2050

Apesar do momento difícil, a indústria projeta uma retomada forte a partir de 2027, impulsionada por demandas estratégicas que reforçam o papel da nossa matriz elétrica renovável como fontes limpas, competitivas e de baixo carbono:

- Data Centers e IA: A demanda por alto e contínuo consumo de energia para a Inteligência Artificial é a principal aposta de curtíssimo prazo, com contratos de montantes consideráveis de energia, alguns já em andamento. Em apenas 3 anos, os data centers se consolidam como novos protagonistas com R\$ 7,7 bilhões em contratos de longo prazo (entre 2021 e 2024) e 330 MW médios já contratados¹.
- Hidrogênio Verde (H₂V): A expansão da produção de hidrogênio renovável será um grande motor de crescimento, principalmente numa perspectiva de médio prazo.
- Expansão Offshore: A energia eólica no mar (Offshore) é a nova fronteira, com mais de 100 projetos em licenciamento e previsão de operação depois 2030, com potencial de gerar centenas de milhares de empregos e bilhões em investimentos.
- Sistemas de Armazenamento de Energia: Integrar sistemas de armazenamento por baterias à geração eólica representa um marco na modernização do SEB. Essa associação permitirá mitigação do *curtailment*; estabilização do SIN; descarbonização e modicidade tarifária.

4. A URGÊNCIA DO PRESENTE

Para transformar essa visão em realidade, ações urgentes e coordenadas são indispensáveis:

- É essencial que governos federal, estaduais, municipais, congresso e reguladores atuem juntos para preservar conquistas e ampliar os benefícios socioeconômicos da geração eólica.
- Delimitação dos Riscos do Gerador: É fundamental estabelecer com clareza a fronteira de responsabilidades e riscos entre o gerador e o sistema elétrico. **As interrupções de geração decorrentes de limitações estruturais ou operativas do SIN devem ser devidamente ressarcidas**, garantindo segurança jurídica e previsibilidade econômica aos investimentos eólicos.
- Retomada do Planejamento: O sucesso da energia eólica no Brasil foi construído com **planejamento, visão de longo prazo e coordenação institucional**.

¹ CELA – Comunicado à Imprensa (nov/2024): <https://cela.com.br/publicacoes/comunicado-a-imprensa/>

- Precisamos resgatar esse padrão, com políticas públicas que reflitam a complexidade da matriz e o valor estratégico do setor.
- Investimento em Infraestrutura: É imperativo acelerar a expansão das linhas de transmissão e inserção de sistemas de armazenamento. Sem isso, a energia gerada pelos nossos ventos continuará sendo cortada e desperdiçada. Precisamos garantir que a energia dos nossos fortes ventos chegue a quem realmente precisa.
- Valorização da Demanda: A energia limpa precisa ser reconhecida e inserida como um vetor de desenvolvimento. É urgente promover políticas que estimulem o consumo renovável na indústria, no transporte, na eletrificação da economia, garantindo que a demanda acompanhe a oferta e que o Brasil avance como **“hub” de produtos e serviços de baixo carbono, enquanto contribui para a solução da crise climática.**

O Brasil tem o potencial e o dever de liderar a **transição energética global**. Este manifesto é um chamado à responsabilidade coletiva. Convocamos todos os agentes desta indústria, formuladores de políticas, investidores e sociedade civil a se unirem para garantir que o planejamento e a coordenação sejam retomados e que os ventos do país voltem a soprar para impulsionar nosso desenvolvimento, nossa indústria e nosso futuro energético.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENERGIA EÓLICA E NOVAS TECNOLOGIAS



Elbia Gannoum, presidente executiva da ABEEólica

